

# CANTO DOS DESENRAIZADOS EM *DIÁRIO DE RETORNO AO PAÍS NATAL*, DE AIMÉ CÉSAIRE

RAIMUNDO SILVINO DO CARMO FILHO<sup>1</sup>  
SEBASTIÃO ALVES TEIXEIRA LOPES<sup>2</sup>  
ALCIONE CORRÊA ALVES<sup>3</sup>

## RESUMO

Os estudos acerca da literatura de autoria negra vêm ganhando profundidade à medida que a crítica afrodescendente se consolida, revelando autores, obras e recepção. Nesse sentido, este artigo examina o poema *Diário de um retorno ao país natal*, de Aimé Césaire, sob dois aspectos: a) reconstrução do sujeito interior a partir da revalorização da negritude; e b) reconstrução cultural do sujeito a partir do retorno ao país natal. Consideramos relevantes as seguintes indagações: 1) o que faz Aimé Césaire querer se auto-reconstruir interiormente? E 2) qual o papel do seu país natal nesse processo de reconstrução cultural? Os pressupostos teóricos que amparam este estudo circunscrevem-se no campo dos estudos Pós-coloniais e da Crítica Literária Afrodescendente, a partir dos estudos de Fanon (2015), Bhabha (2014), Glissant (2013), Gilroy (2013), Bonnici (1998), Bosi (1992), Alves (2017), Munanga (2013), Almeida (2012) e Souza (2005), entre outros. Esse estudo mostra que o poema de Césaire tem duas dimensões: a) reconstrução interior do sujeito; e b) reconstrução cultural do sujeito. Pelos exames, compreende-se a literatura negra como fator de construção identitária.

**Palavras-chave:** Aimé Césaire; Diário de um retorno ao país natal; identidade étnica.

- 1 Doutorando em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro (NEPA) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). silvinofilho2009@gmail.com
- 2 Doutor em Letras, Área de concentração: Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, pela Universidade de São Paulo (2002); Pós-Doutorado na Universidade de Winnipeg, Canadá (2007); Pós-Doutorado na Universidade de Londres/School of Oriental and African Studies, Inglaterra (2014), professor Associado da Universidade Federal do Piauí. slopes10@uol.com.br
- 3 Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012), professor associado I na Universidade Federal do Piauí. alcione@ffpi.edu.br

"Partir. Meu coração estalava de generosidades enfáticas. Partir... eu voltaria liso e jovem a este país meu e diria a este país cujo limo entra na composição da minha carne: "Andei por muito tempo errante e volto para a hediondez desertada das vossas chagas"<sup>4</sup>".

Aimé Césaire<sup>5</sup>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As literaturas de autoria negra<sup>6</sup> materializam um labor de autor(a)es com a linguagem e a busca por expressão de experiências de vida desses sujeitos. Nos países ou regiões onde as literaturas amefricanas<sup>7</sup> se concretizam, muitas são as convergências de aspectos que as aproximam umas às outras: "Apesar de todas as suas diferenças, essas literaturas originam-se da 'experiência de colonização'" (BONNICI, 1998). Para além disso, as experiências da colonização, a escravização e a des-territorialização constituem um entre-lugar a partir do qual se iniciam jornadas traduzidas na literatura e materializadas em narrativas, as quais se revelam no formato do texto, na linguagem, na semântica, no pensar, no agir das personagens, assim como no ponto de vista adotado pela voz autoral.

Esse ponto em comum incentiva-nos a pensar a literatura negra como árvore cujas raízes textuais e estéticas implicam encontros étnico-identitários. Nesse sentido, as narrativas negras constituem uma

4 "Partir. Mon coeur bruissait de générosités emphatiques. Partir... j'arriverais lisse et jeune dans ce pays mien et je dirais à ce pays dont le limon entre dans la composition de ma chair: "j'ai longtemps erré et je reviens vers la hideur désertée de vos plaies".

5 AIMÉ, Césaire. *Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

6 Faço uso da terminologia para especificar minha abordagem acerca da literatura de autoria negra tanto no Brasil quando na diáspora negra. Importa registrar a existência de um debate consciente acerca das possibilidades de definição da literatura desses sujeitos dentro da comunidade científica brasileira. É consenso também o reconhecimento de um sistema literário afrodescendente. Sobre o assunto, ver os estudos de: Cadernos Negros. *Três Décadas, ensaios, poemas, contos*. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2008. PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Organizador: Edimilson de Almeida Pereira. Belo Horizonte: 2010. DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol: 4: Belo Horizonte; UFMG, 2011.

7 Para maiores investigações acerca dos conceitos de amefricanidades, verificar: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

rede de diálogos, na qual sobressai uma escrita de nós, uma escrita da coletividade, conforme propõe Conceição Evaristo: "poéticas da escrivência" (2020). Essas poéticas prometem o encontro e o acolhimento sob à ótica da crioulizado das culturas (GLISSANT, 2013). Essas artes "do sendo" (BHABHA, 2014) conectam o passado dos povos negros escravizados à diáspora contemporânea. É por isso que as literaturas negras implicam relações nas quais os sujeitos negros formulam histórias dissonantes e destoantes das literatura nacionais<sup>8</sup>. Édouard Glissant afirma que, no atual estágio das relações identitárias, as culturas compósitas revelam identidades rizomáticas, que vão ao encontro de outras identidades. O martinicano classifica esse fenômeno inclusivo como "poética da diversidade" (2013).

Entre as várias características das literaturas negras, os sentimentos de perda, fenda, rasura e abandono, as marcas de desterritorialização, o desmantelamento étnico, distúrbios familiares, alienação social, esvaziamento histórico e, por conseguinte, a quebra das identidades comunais são reflexos dos impactos catastróficos da colonização europeia nesses povos. Nesse contexto, o objetivo desse ensaio é estudar o poema *Diário de retorno ao país natal*, de Aimé Césaire. Interessa-nos examinar as formas de reconstrução do sujeito sob dois aspectos: a) reconstrução do sujeito interior a partir da revalorização da negritude; e b) reconstrução cultural do sujeito, a partir do retorno ao país natal. Consideramos as seguintes indagações: 1) o que faz Aimé Césaire retornar à cultura americana? E 2) qual o papel do seu país natal no processo de reconstrução cultural do sujeito negro poemático? São questionamentos como estes que pretendemos responder.

A epígrafe que abre esse ensaio atravessa seu título para imprimir um pensamento metafórico do negro desenraizado duplamente: a) a pessoa negra vive a diáspora, a reterritorialização; "Andei por muito tempo errante" (CÉSAIRE, 2012). O negro em diáspora vive uma condição singular de estranhamento, por fazer parte de dois mundos. Um mundo que ficou para trás e outro que se abre diante dos seus olhos. Sua errância consiste da dupla consciência resultante desses dois mundos, ou seja, a que mundo ele pertence? O verso de Aimé Césaire capta muito bem esse sentimento. B) A pessoa negra vive o deslocamento

---

8 Sobre os conceitos de culturas atávicas e rizomáticas, examinar: GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

interior; "Andei por muito tempo errante e volto para a hediondez desertada das vossas chagas" (CÉSAIRE, 2012). Stuart Hall<sup>9</sup> ressalta que a fragmentação da identidade interior causa um sentimento de estranhamento do próprio eu. O negro vive o deslocado do eu (2006). No entanto, o canto dos desenraizados não pode ser visto como um estado de alienação total, sem possibilidades de ressignificação. Deve ser visto como prefácio às fases de reconstrução da pessoa na sua humanidade e sua imersão ao autoencontro. É por isso que Aimé Césaire afirma, profeticamente: "[...] eu voltaria liso e jovem a este país meu e diria a este país cujo limo entra na composição da minha carne"; "Andei por muito tempo errante e volto para a hediondez desertada das vossas chagas" (CÉSAIRE, 2012).

## Retorno para casa 1

*Diário de um retorno ao país natal* foi lançado em 1939. Conforme Lilian Pestre de Almeida, em posfácio à edição bilíngue de 2012, o autor teria levado mais de 20 anos para concluí-lo. Constituído a partir de uma linguagem praticamente hermética, como um discurso fechado, o poema longo exige uma leitura cuidadosa e delicada, sobretudo pela construção das imagens poéticas. Uma jornada interpretativa nos é cobrada logo nas primeiras estrofes e nos primeiros versos da obra. O poema "serpente" (ALMEIDA, 2012) vai se movimentando ininterruptamente, compondo os sentidos do texto e (re)construindo o sujeito poético. O poeta foi aclamado pelo pai do Surrealismo: "Aimé Césaire foi saudado pelo surrealista André Breton como um dos maiores poetas de língua francesa do século XX" (ALMEIDA, 2012). No poema, o martinicano imprime uma descarga energética de valorização da negritude<sup>10</sup>: "[...] ao mesmo tempo épico, lírico e dramática, com uma intertextualidade extremante complexa, suscitou um verdadeiro esforço de re-escritura, tornando-se um poema matricial, fundador de uma nova literatura" (ALMEIDA, 2012)<sup>11</sup>. Para Lílian Preste de Almeida, esse esforço de re-es-

9 No tocante às formulações de identidade, ver: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

10 Para aprofundamento sobre o marco teórico da negritude, ver: MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

11 Sobre as definições de literatura nacional, ler Glissant em *Le discours antillais*, trecho traduzido: <<https://www.ufrgs.br/cdrom/glissant/>>.

critura do poema está ligado aos jogos de correspondências explícitas e implícitas com obras clássicas e contemporâneas a que o escritor teve contato.

Aimé Césaire traça um trabalho épico com a linguagem e com a narrativa. O texto traduz um cuidado poético que contrasta com a narrativa. *Diário* deixa explícito um trabalho longo de intertextualidade, no qual sobressaem uma consciência estética, uma agudeza sonora, uma explosão imagética e uma (re)construção étnico-racial, raramente, encontradas na poesia. Todos esses elementos traduzem as experiências do poeta e sua condição diaspórica diante das culturas do mundo amefricano. Por isso, a necessidade de configurar um lugar e outros papéis ao negro sob a perspectiva da experiência de colonizado, de diaspORIZADO e desterritorializado. Com o poema, Aimé Césaire não só nos provoca a pensar o fazer poético e a literatura, mas cobra-nos o reconhecimento do negro como artista, intelectual e artesão da palavra. Para Kabengele Munanga, a negritude é um universo alimentador do ser, é uma forma de preservação do negro que se sobrepõe à dimensão biológica.

Em primeiro lugar é importante frisar que a *negritude*, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos (MUNANGA, 2013, p. 2020).

Em *Diário*, o negro ganha ares de apanhador de experiências, de catador de fragmentos culturais. Através da articulação dessas partes do eu, o negro inicia sua travessia, para se (re)encontrar consigo mesmo no além. O negro carrega a experiência de estar no centro dos embates de fronteiras e no meio dos conflitos étnico-raciais característicos desses novos tempos fragmentados. A narrativa poética de Aimé Césaire (re)insere o negro no jogo do poder. Todavia, as relações são conflituosas, implicando ao eu-poético um drama interior, que lhe permite a (re)construção identitária. Para Homi Bhabha: "Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original [...]" (2014, p. 210). O negro estabelece uma recusa profunda à alienação interior, instituída pelo sistema de colonização, escravização e diásporização. Na colonização, os colonizados e escravizados são despersonalizados pelo sistema de assujeitamento. Ainda segundo Homi Bhabha: "A análise da despersonalização colonial não só aliena a ideia iluminista do 'Homem', mas contesta também a transparência da

realidade social como imagem pré-dada do conhecimento humano" (2014, p. 79).

Ler o poema não é só vivenciar uma jornada do negro de rara construção poética e semiótica, mas também é (re)encenar o passado num presente descontínuo, excludente e conflitante. A busca desenfreada e desmedida pelo auto-encontro confere uma poética do sujeito desfigurado e desenraizado. Ainda assim, o negro procura as raízes interiores, tentando achar seu eu, seus "rastros-resíduos"<sup>12</sup> (GLISSANT, 2013) deixados nas pegadas da travessia do Atlântico Negro (GILROY, 2014), ou mesmo na passagem do meio. Um sentimento doloroso e perturbador acompanha a leitura do poema, sobretudo diante de um quadro descritivo das consequências da violência estarrecedora com a qual o negro era tratado. Por isso, os versos do poema implicam uma escalada longa, pedregosa e dramática na luta pela representação e enunciação do ser negro. Para Alcione Corrêa Alves, o que "[...] está em jogo é o direito à representação de si" (2017, p. 15). Isso pode ser observado nas duas imagens construídas na leitura: a) uma imagem de negro inventada pelo branco; e b) uma imagem (re)construída pelo próprio negro sobre si. Disso resulta um sujeito "intersticial" (Bhabha, 2014), como forma de (re) construção interior da pessoa.

O que é meu  
um homem só prisioneiro de branco  
um homem só que desafia os gritos brancos da morte  
branca<sup>13</sup> (CÉSAIRE, 2012, p. 33).

Segundo Kabengele Munanga: "[a]bandonada a assimilação, a liberação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma" (2020, p. 41). É essa dignidade interior que movimenta o poema. Aimé Césaire sabe que o primeiro grande desafio para as sociedades colonizadas passa pelo reconhecimento de que o negro não é um monstro, um bicho, uma mancha para o mundo branco. Essa condição resulta de um processo colonial desumano, cujas consequências danosas podem

---

12 No Projeto Teseu, coordenado pelo professor Dr. Alcione Corrêa Alves, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), há estudos ampliando e avançando o pensamento de Édouard Glissant. Sobre isso, verificar a dissertação de Lana Kaïne Leal: *De la Barbade à l'Amérique et retour: memória, resistência e construções identitárias em diáspora no romance Moi, Tituba sorcière... de MARYSE CONDÉ*, Ano de Obtenção: 2016.

13 "Ce qui est à moi, c'est un homme seul emprisonné de blanc, c'est un homme seul qui défie les cris blancs de la mort blanche"

ser vistas no plano psicológico e no plano material das sociedades negras: “[...] o espírito europeu desfigurou completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais” (MUNANGA, 2013, p. 22). O negro resulta de um processo violento, no qual o branco buscou provar, das mais variadas formas, que o mesmo era inferior e tudo que estava ligado a ele não tinha valor algum para o Ocidente e para a Humanidade. Por isso, o drama poético, a escalada dolorosa, encenados no palco da linguagem. No poema, há imagens turvas, sombrias e opacas, movimentos serpenteantes e recuadores, versos iniciais longos, outros encolhendo-se, retraindo-se, diminuindo-se, outros curtos.

Tudo isso revela os movimentos do corpo negro diante da violência e da alienação coloniais. Nessa narrativa angustiante, o colonizado parece querer voltar para seu lugar primeiro, para a placenta protetora da Mãe-África: “[...] o poema de Aimé Césaire é o canto dos colonizados e desenraizados sonhando em restabelecer o cordão umbilical com a Mãe África, tornada terra mítica” (ALMEIDA, 2012, p. 96). Os versos abaixo indicam essa profusão de imagens a que nos referimos. O corpo negro se vê jogado em um mundo no qual as pessoas estão racializadas e categorizadas como superior e inferior. Além disso, o negro se vê despersonalizado e coisificado e, até mesmo, apagado dentro de um sistema de representação hierarquizado. Resta-lhe, pois, o caos interior, delírios psicológicos, cujas marcas são desencanto, desfiguramento, recusa da própria identidade e uma condição de estranhamento do ser.

A morte descreve um círculo brilhante acima desse homem  
a morte estrela docemente acima de sua cabeça  
a morte sopra, louca, no canavial maduro de seus braços a  
morte galopa na prisão como cavalo branco a morte reluz  
na sombra como olhos de gato  
a morte soluça como água sob o cais  
a morte é um pássara ferido  
a morte diminui  
a morte vacila<sup>14</sup>  
(CÉSAIRE, 2012, p. 33).

14 La mort décrit un cercle brillant au-dessus de cet homme, la mort étoile doucement au-dessus de sa tête, la mort souffle, folle, dans la cannaie mûre de ses bras, la mort galope dans, la prison comme un cheval blanc, la mort luit dans l'ombre comme des yeux de chat, la mort hoquette comme l'eau sous les Cayes, la mort est un oiseau blessé, la mort décroît, la mort cacille”



O negro colonizado vive um estado permanente de afugentamento e confusão, de angústia e desespero psíquicos, principalmente pela violência brutal com a qual foi e, ainda, é submetido. É por isso que: “a morte sopra, louca, no canavial maduro de seus braços”. É por isso que: “a morte galopa na prisão como cavalo branco”. É por isso que: “a morte reluz na sombra como olhos de gato”. A colonização impõe ao colonizado uma posição de subalternidade tão dura e desumana que os universos étnico, político e social se desmantelam. Kabengele Munanga ressalta que em uma condição física e em um estado mental como esses, um retorno às raízes identitárias é inevitável. Esse retorno se revela como consequência das rasuras psíquicas: “É a negação do dogma da supremacia colonizadora, em relação à cultura dominada, com o qual se sente necessidade de identificação, a fim de resolver o conflito em que ambos se debatem” (MUNANGA, 2020, p. 43). É nesse contexto que Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, afirma que a colonização é tão perversa e desumana que não se contenta em destruir a cultura e a psique do colonizado: “O colonialismo não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro do colonizado de toda forma e de todo conteúdo” (FANON, 2015, p. 243).

A libertação do colonizado se revela como um retorno ao eu, como um retorno a seu mundo interior. É por isso que a descolonização psíquica se torna um desafio para a existência negra, sobretudo, pela violência com que ela se deu e pela força de sua fixidez: “A elite europeia pôs-se a confeccionar um indigenato de elite” (SARTRE, 2015, p. 23). Essa, talvez, seja uma das lutas mais dramáticas, conflitantes e mais complexas já travadas pelos povos colonizados na busca de suas liberdades. Foram mais de 300 anos de exploração e violência física. Depois do reconhecimento de que o negro deve e precisa (re)construir-se, existencialmente, pode-se iniciar uma outra grande batalha: a libertação política, econômica e cultural. *Diário* faz esse movimento de volta, como reconstrução dupla do sujeito negro a partir de uma narrativa poética coletiva dos povos colonizados e desfigurados pela razão e pela civilização ocidentais.

Palavras?

Ah sim, palavras!

Razão, eu te sagro vento da noite.

Boca da ordem o teu nome?

Para mim ele é corola de açoite.

Beleza eu te nomeio petição da pedra.



Mas ah! o rouco contrabando  
do meu riso

Ah! meu tesouro de salitre!

Porque vos odiamos a vós e à vossa razão, reivindicamos  
a demência precoce a loucura flamejante o canibalismo  
tenaz<sup>15</sup>

(CÉSAIRE, 2012, p. 35).

*Em Diário*, Aimé Césaire não se contenta em fazer um movimento para fora da cultura e do mundo europeus, ele expõe as feridas, as ambivalências da teoria do sujeito branco salvador, do sujeito humanístico e universal. Fazendo isso, o negro pode se encontrar consigo mesmo. Esse movimento resulta da necessidade de sair de uma posição incômoda e fixa imposta ao negro. Para Homi Bhabha: "Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de fixidez na construção da ideologia da alteridade" (2014, p. 117). O crítico ainda acrescenta que: "A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demônica" (2014, p. 117).

A razão é um dos palcos mais simbólicos e mais sugestivos para a encenação do colonizado. Para Aimé Césaire, é nesse campo que se instituiu uma das práticas mais violentas e duradouras de fixação do outro. Por isso, seus efeitos paradoxais na construção dos colonizados: um sujeito racionalmente soberano, o outro definitivamente irracional. O colonizador e o colonizado se constituem dentro dos polos dicotômicos residuais das representações de superior/inferior, dominador/dominado, representante/representado e enunciador/enunciado, nos quais o negro foi conceituado como antípoda do branco. O branco é o criador do mundo, o negro o destruidor, por isso a Palavra, como verbo, saindo da boca do criador. "Palavras?", "Ah sim, palavras!" (CÉSAIRE, 2012). No entanto, ao passo que a palavra humaniza o branco, desumaniza e (des)civiliza violentamente o negro. Através dela o negro é açoitado, é despersonalizado, bem como esvaziado etnicamente em função da civilização dos brancos. Por isso,

---

15 "Des mots? Ah oui, des mots! Raison, jet e sacrevent du soir, Bouche de l'ordre ton nom? Il m'est corolla du fouet. Beauté je t'appelle pétition de la pierre. Mais ah! la rauque contrebande de mon rire, Ah! mon trésor de salpêtre! Parce que nous vous haïssons vous et votre raison, nous nous réclamons de la démence précoce de la folie flambante du canibalisme tenace"

compreendemos os versos de Aimé Césaire: "Porque vos odiamos a vós e à vossa razão, reivindicamos a demência precoce a loucura flamejante o canibalismo tenaz" (CÉSAIRE, 2012).

## Retorno para casa 2

Para além do que foi examinado na seção anterior, *Diário de retorno ao país natal* nos provoca a pensar uma outra dimensão do sujeito poético, qual seja, a cultural. Na obra, vemos o negro diaspORIZADO fazer um movimento de retorno ao país natal, à terra explorada, invadida, à terra da colonização, da desfiguração econômica, social, histórica e cultural. Paradoxalmente, é nesse lugar violentado que o negro se (re)encontrará com as raízes da comunidade, com o passado do seu povo, com a história que o liga secretamente à identidade coletiva dos ancestrais negros. Para os africanos submetidos à diáspora, a África constitui um cordão umbilical, aquela veia pela qual o sangue da Mãe-África percorre e jorra. *Diário* é essa porta aberta a todas as figuras colonizadas e diaspORIZADAS pela Europa ocidental. Para os povos negros que vivenciaram a escravização e a desterritorialização, a condição diaspórica implica encontros culturais sob a ótica da encruzilhada, da fronteira. Viver a e/ou na diáspora envolve trocas de histórias comuns de subjugação, privação, racialização e marginalização. Esses povos se juntam para produzir figuras e realidades culturais diaspORIZADAS.

Aimé Césaire sutura (GLISSANT, 2013) as identidades colonizadas e negras, sobretudo privilegiando as próprias narrativas originárias, como invenção de um outro mundo, de uma outra história a partir do ponto de vista do negro. O poema rompe com a lógica continuísta da nação ocidental, valendo-se, particularmente da "contranarrativa da modernidade" (BHABHA, 2014). Isso ocorre pelo privilégio dado às culturas negras e pelo foco narrativo direcionado às histórias de povos negros colonizados e violentados pelo Ocidente. Ao evidenciar esses dramas, *Diário* contraria a narrativa tradicional e as próprias histórias culturais do sujeito colonizador e conquistador branco. É por isso que o poema de Aimé Césaire não se fecha: "A volta ao país natal desemboca em outra viagem; a ascensão, numa outra descida, melhor ainda: numa queda fulminante e delirante" (ALMEIDA, 2012, p. 97). A obra propõe outras regras ao jogo de abstração poética e imagética, através das quais o eu-lírico inicia um movimento de retorno ao país natal. Logo, há uma moldura poética da diáspora, fundida num só caderno: diário das identidades desenraizadas. Kabengele

Munanga afirma que as identidades culturais dos povos negros estão intimamente ligadas, sobretudo pelo fato de o olhar do branco reuni-las na categoria negro: “[...] a identidade negra se refere à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo branco reuniu sob o nome negro” (2013, p. 2020).

Teu último triunfo, corvo tenaz da traição.

O que é meu, esses vários milhares de mortiferados que giram em torno da cabeça de uma ilha e o que é meu também, o arquipélago arqueado como o desejo inquieto de negar-se, dir-se-ia uma ânsia materna de proteger a tenuidade tão delicada que separa uma da outra América; e seus flancos que destilam para a Europa o bom licor de um Gulf Stream, e uma das duas vertentes de incandescência entre as quais o Equador funâmbula em direção à África<sup>16</sup> (CÉSAIRE, 2012, p. 31).

Em *Diário*, Aimé Césaire inicia uma jornada para trás, para ver a “cabeça de uma ilha e o que é meu também, o arquipélago” (2012, p. 31). O retorno à Martinica, ao arquipélago caribenho faz com que o poeta tenha uma nova compreensão do seu povo, da terra de origem e da cultura oral dessa região. O poema nos remete ao lugar dos desembarques dos navios negreiros, faz-nos voltar às Antilhas, ao Caribe, à terra que, também, é dele: “Para garantir a sua salvação, para escapar à supremacia da cultura branca, o colonizado sente a necessidade de retornar a raízes ignoradas” (FANON, 2013, p. 251). Para o negro diaspORIZADO, a reconquista das origens culturais, a valorização da terra de nascimento se torna uma estratégia recusadora da metáfora do mundo negro desajustado e da terra pululenta de selvagens. Homi Bhabha afirma que o discurso colonial, para cumprir seus objetivos de dominação, constrói um conjunto de imagens de controle sobre o colonizado. É por isso que eles são apresentados como degenerados: “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados [...]” (BHABHA, 2014, p. 123-124). Através de imagens contraditórias, de palavras fechadas e versos

16 Ton dernier triomphe, corbeau tenace de la trahison. Ce qui est à moi, ces quelques milliers de mortiférés qui tournent en rond dans la calebasse d'une île et ce qui est à moi aussi, l'archipel arque comme le désir inquiet de se nier, on dirait une anxiété maternelle pour protéger la ténuité plus délicate qui sépare l'autre Amérique; et ses flancs qui secrètent pour l'Europe la bonne liqueur d'un Gulf Stream, et l'un des deux versants d'incandescence entre quoi l'Équateur funambule vers l'Afrique.

prosaicos, muitas vezes, intraduzíveis e impenetráveis, o retorno do negro ao seu mundo cultural simboliza o (re)encontro consigo e com a realidade pós-colonial. Por isso, os versos: “O que é meu, esses vários milhares de mortiferados que giram em torno da cabeça de uma ilha e o que é meu também, o arquipélago arqueado” (2012, p. 31).

No corpo do poema, o negro vive a condição de figura fronteiriça: entre a cultura branca e a cultura negra. Nesse entre-lugar, a tradução cultural negra se inscreve no imaginário coletivo dos povos colonizados. Os povos colonizados se tornam vítimas e, ao mesmo tempo, testemunhas de uma modernidade contraditória, ambivalente e desigual. Esses povos e lugares se interligam e conectam-se: “[...] e seus flancos que destilam para a Europa o bom licor de um Gulf Stream, e uma das duas vertentes de incandescência entre as quais o Equador funâmbula em direção à África” (2012, p. 31). Aimé Césaire (re)encena poeticamente as histórias fragmentadas dos negros diasporizados e colonizados, dramatizando as culturas desses povos excluídos no palco da própria história dos povos do mundo. *Diário* é um texto iniciatório, é um poema ritualístico de passagem, de travessia. Nele, encontra-se uma escrita clássica, fruto da formação acadêmica profunda do autor. Há, também, um tom épico e grandiloquente, como os diários de navegação dos conquistadores.

Por outro lado, há uma oralidade dos povos negros das Antilhas traduzida nos lamentos, nos cantos de trabalho, nas imagens, no uso de determinadas palavras, cujos sons indicam as batidas dos tambores negros, nos rituais religiosos do vodú. É nesse jogo provocante que Aimé Césaire tece uma narrativa erudita e, ao mesmo tempo, popular. Na composição do poema, o autor vai costurando o drama do negro, do colonizado expondo seu estado psicológico e sua jornada de retorno ao país natal. Tudo isso pode ser apontado como estratégia do escritor em revelar ao mundo um outro negro. Um negro cujo olhar privilegia suas experiências, cujo ponto de vista fala de dentro da realidade negra, de quem viveu a colonização e de quem está na diáspora, no entre-lugar, na fronteira da modernidade. Kabengele Munanga ressalta que o colonizado precisa fazer um esforço enorme para (des)construir as imagens negativas acerca de sua terra, de seu povo, de sua cultura e de sua história.

A desvalorização e a alienação do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e

à eterna dependência. O negro é uma degeneração devida à temperatura excessivamente quente (MUNANGA, 2013, p. 31).

O retorno ao país natal sugere a mudança de mentalidade do negro dentro das representações culturais, na medida em que o mesmo volta à terra de nascimento, ao local dos dramas coletivos. Isso pode significar também a (des)construção do mito do nativo selvagem, bárbaro e demoníaco, e da terra de monstros sem cabeça. Se para o branco europeu à terra dos colonizados e dos negros representava tudo o que era negativo, tudo o que era de ruim, para o negro e para o colonizado a geografia, a climatologia, a fauna, a flora, os mananciais, os povos e suas cultura constituem as identidades dessas regiões, desses continentes e de seus povos. É por isso que o poeta, o negro e o colonizado retornam ao país natal, para saudarem sua cultura e seu povo. *Diário* inicia um processo de (re)construção do fio condutor que liga o passado do negro ao presente diaspórico. Através da invenção de um outro mundo, o negro conhece sua história e a memória coletiva dos escravizados e dos colonizados. Essa é uma das razões de retornar ao país, para fazer um esforço consciente de (re)construção do sujeito cultural a partir da perspectiva do lugar.

E minha ilha não fechada, sua clara audácia de pé na popa dessa polinésia, diante dela, Guadalupe fendida em duas por sua linha dorsal e de igual miséria à nossa<sup>17</sup> (CÉSAIRE, 2012, p. 31).

O pronome possessivo “minha” revela o grau de consciência do negro em aceitar a terra como berço de nascimento, como terra mãe, como parte integrante dele. Nesse contexto, a história e a cultura dos povos negros se ligam aos seus territórios colonizados. O autor toma-a como sua, como de seu povo, de sua gente. W. E. B. Du Bois, em *As almas da gente negra*, afirma que: “[...] o sangue negro tem uma mensagem para o mundo” (1999, p. 54), apontando que o negro se tornou consciente da alienação colonial e dela se liberta. A jornada cultural do negro confunde-se com uma história de luta pela (re)construção consciente de suas terras, de suas memórias e de suas narrativas. A (re)conquista cultural do negro deve ser vista como recusa ao esvaziamento instituído pelo colonizador. Além disso, constitui um conjunto de estratégia de (re)alinhamento das identidades negras nos

---

17 Et mon île non-clôture, as Guadeloupe fendue en deux de sa raie dorsale et de même misère que nous,

sistemas de representações. É nesse contexto que a promoção da negritude, ou seja, dos caracteres negros, do corpo e da pele ganham formas distintas da visão do branco.

Haiti onde a negritude pôs-se de pé pela primeira vez e disse que acreditava na sua humanidade e a cômica pequena cauda da Flórida onde de um negro se consuma o estrangulamento e a África gigantesicamente arrastando-se até o pé hispânico da Europa, sua nudez em que a Morte ceifa com movimentos largos<sup>18</sup> (CÉSAITE, 2012, p. 31).

*Diário* é um épico de fundação para os negros submetidos à diáspora forçada. É, também, uma obra guia para os intelectuais negros dos mais diversos cantos da diáspora moderna. Seu grau de relevância na formação de uma poética na qual o negro assume a posição de artista, escritor, intelectual revelam mudanças na forma de ver o negro e seu universo cultural. Aimé Césaire reúne no poema uma série de imagens, episódios, narrativas e encenações, as quais imprimem a dimensão da consciência do negro acerca da importância das culturas dele, da história e das memórias para a construção das sociedades modernas. Seu poema põe de pé todo o universo negro, sem esconder a condição existencial rasurada e fendida pela cultura ocidental. O negro tem uma trágica consciência dupla, ou seja, é negro e, ao mesmo tempo, caribenho, é negro e colonizado: "Haiti onde a negritude pôs-se de pé pela primeira vez e disse que acreditava na sua humanidade e a cômica pequena cauda da Flórida onde de um negro se consuma o estrangulamento e a África gigantesicamente arrastando-se até o pé hispânico da Europa, sua nudez em que a Morte ceifa com movimentos largos" (2012, p. 31). No poema de Aimé Césaire, a diáspora se revela como o lugar a partir do qual o negro inicia a (re)construção da história cultural e existencial de si e do seu povo. Por isso, o sentimento de solidariedade universal, que liga secretamente todos os negros que vivem nela. A diáspora não é o local onde algo termina, mas o local a partir do qual algo começa a se fazer presente.

---

18 Haïti où la négritude se mit debout pour la première fois et dit qu'elle croyait à son humanité et la comique petite queue de la Floride où d'un nègre s'achève la strangulation, et l'Afrique gigantesquement chenillant jusqu'au pied hispanique de l'Europe, sa nudité où la Mort fauche à larges andains.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Diário de retorno ao país natal*, examinado sob a perspectiva da (re) construção interior do negro e como (re)construção cultural, possibilita a percepção múltipla do poema. Na construção poética, o eu-lírico imprime uma linguagem multifacetada, recheada de imagens e sons que se fundem para revelar o drama angustiante do negro. Aimé Césaire desestabiliza o mundo branco, sua áurea universalista e eurocêntrica, bem como a falsa missão civilizadora. Com isso, o poema oferece aos escritores e aos leitores estratégias para se pensar os lugares construídos aos negros e aos colonizados. Por meio do *Diário*, o negro assume o lugar de sujeito da escrita, de intelectual e autor da própria história. O negro forja uma arte que fala do centro da vida e do mundo negro. Percebe-se um autor empenhado na construção de uma poética que revela figuras descentradas, desfiguradas e desenraizadas. Para além da crise interior do negro, há a desterritorialização e a fragmentação étnica e identitária. Ainda assim, o poeta não deixa de idealizar possibilidades de (re)construção do sujeito a partir do retorno ao país natal.

Os sujeitos da diáspora, submetidos ao exílio, vão suturando e tecendo os fios de histórias apagadas, silenciadas, quebradas e desconsideradas. O poema ajuda-nos a pensar o lugar do negro como sujeito de ação, como enunciador de histórias escritas e contadas por ele mesmo. *Diário de retorno ao país natal* pode ser visto sob à ótica da metáfora do diário como navio, voltando para o lugar do primeiro desembarque, como afirma Glissant. O Caribe foi o local do primeiro descarregamento de negros nas Américas. Aimé Césaire volta à região para imaginar histórias diferentes para os negros. Porém, o poeta está muito consciente das rasuras, da dupla consciência, das marcas da violência colonial que não podem ser apagadas. Por isso, um épico dramático, poético, inventariado no forno da experiência do que é ser negro em um mundo majoritariamente dominado epistemologicamente pelos brancos.

## ABSTRACT

Studies about black literature have been gaining depth as the Afro-descendant criticism consolidates, revealing authors, works and reception. In this sense, this article examines the poem *Diário de um retorno ao país natal*, by Aimé Césaire, under two aspects: a) reconstruction of the interior subject from the revaluation of blackness; and b) cultural reconstruction of the subject from the return to the home country. We consider the following questions to



be relevant: what makes Aimé Césaire want to rebuild himself internally? And 2) what is the role of your home country in this process of cultural reconstruction? The theoretical assumptions that support this study are circumscribed in the field of Postcolonial studies and Afro-descendant Literary Criticism, based on studies by Fanon (2015), Bhabha (2014), Glissant (2013), Gilroy (2013), Bonnici (1998), Bosi (1992), Alves (2017), Munanga (2013), Almeida (2012) and Souza (2005), among others. This study shows that Césaire's poem has two dimensions: a) interior reconstruction of the subject; and b) cultural reconstruction of the subject. Based on the exams, black literature is understood as a factor of identity construction.

**Keywords:** Aimé Césaire; Diary of a return to the home country; ethnic identity.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alcione Correia. *O PARADOXO DE CÓRDOBA: sujeito cognoscente e violência epistêmica*. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande; MS, v. 1, p. 9-24, jan/jul. 2017.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

BOSI, Alfredo, *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÉSAIRE, Aimé. *Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Ed. USP, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. *O Discurso sobre o colonialismo*. Santa Catarina: Ateliê das Letras, 2010.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1ª. Ed. São Paulo: 2019.

DUARTE, Constância Lima, NUMES, Isabella Lima. *Escrevivência: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ª. ed. Rio de Janeiro, 2020.

DUSSEL, Enrique. *Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31. Número 1, janeiro/abril de 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Fator, 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2015.

FERREIRA (de Souza), Elio. *Poesia negra das Américas*: Solano Trindade e Langston Hughes. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2006.

FERREIRA, Elio. *Identidade e solidariedade na literatura do negro brasileiro*. De Padre Antônio Vieira a Luís Gama. In: FERREIRA, Elio e outros. Ensaio - Concursos literários do Piauí. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 2005.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. 112

MUNANGA, Kabengele. *Negritude*: usos e sentidos. – 4. ed. – São Paulo: Ática, 2013.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. São Paulo, 2003.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação; episódios de racismo cotidiano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakrovorty. *Pode o subalterno falar?* 2ª reimpressão. Belo Horizonte: 2014.

TEODORO, Maria de Lourdes. *Négritude e identidade no texto* – teoria e prática em literatura comparada: Aimé Césaire e Mário de Andrade. XIII Congresso Internacional da Abralic (Associação Brasileira de Literatura Comparada). Campina Grande – PB, 2013.

VERGÉS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Ubu. 2020.